



**METODOLOGIAS E PRÁTICAS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL:**

estudo de casos de diferentes regiões brasileiras

**METODOLOGÍAS Y PRACTICAS TEATRALES EN LA
EDUCACIÓN INFANTIL:**

estudio de casos de diferentes regiones brasileñas

**METHODOLOGIES AND THEATRICAL PRACTICES IN
CHILDHOOD EDUCATION:**

case studies from different Brazilian regions

Adriana Moreira Silva¹

<https://orcid.org/0000-0001-6036-5405>

Isabelle Alves Brandão²

<https://orcid.org/0009-0001-3658-4744>

Resumo

Este artigo é um estudo de casos de investigações acerca da prática teatral e suas relações com as infâncias em âmbito educacional, tendo como ponto de partida as reflexões e os resultados emergidos da pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Por isso, configura-se em um material de consulta, especialmente, para discentes em formação em Teatro. O objetivo é, portanto, destacar, exemplos de práticas teatrais realizadas com crianças entre 4 e 5 anos de idade no período entre 2010 e 2020 em diferentes regiões brasileiras. A noção de infâncias é trazida pela Sociologia da Infância (Freire, 2020, Sarmiento, 2005) e o brincar é discutido a partir da Fenomenologia (Machado, 2010a, 2010b, 2015).

Palavras-chave: educação infantil, práticas teatrais, espaço escolar, regiões brasileiras

Resumen

La escrita de este artículo es un estudio de casos de investigaciones sobre la práctica teatral y sus relaciones con las infancias en un contexto educativo, teniendo como

¹ Universidade Federal do Amapá. Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Teatro. Pesquisa concluída em 2022. Pedagogia das Artes Cênicas. Coordenadora do grupo de estudos PAPEI – Práticas artísticas e pedagógicas na Educação Infantil. Doutora em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

² Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Graduanda no curso de Licenciatura em Teatro. Pesquisa Concluída em 2022. Pedagogia das Artes Cênica. Orientadora: Profa. Dra. Adriana Moreira Silva. Bolsa PROBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/ UNIFAP. Membro da Companhia Uirapuru e graduada no curso de Licenciatura em Música pela Universidade Estadual do Amapá (UEAP).

punto de partida las reflexiones y los resultados que emergieron de la investigación realizada en el Programa de Iniciación Científica del curso de Licenciatura en Teatro de la Universidad Federal de Amapá (UNIFAP). Por eso, se consolida como un material de referencia, especialmente para estudiantes en formación en Teatro. El objetivo es, por consiguiente, resaltar ejemplos de prácticas teatrales que se han realizadas con niños de 4 e 5 años en el período comprendido entre 2010 y 2020 en diferentes regiones brasileñas. La noción de infancias es traída por la Sociología de la Infancia (Freire, 2020, Sarmento, 2005) y el juego es discutido por la Fenomenología (Machado, (2010a, 2010b, 2015).

Palabras clave: educación infantil, prácticas teatrales, espacio escolar, regiones brasileñas

Abstract

The article is a case study of investigations about theatrical practice and its relations with childhood in the educational context, having as a starting point the reflections and results emerged from the research carried out in the Scientific Initiation Program of the teaching undergraduate degree in Theater from the Federal University of Amapá (UNIFAP). For this reason, it is configured as a reference material, especially for students in training in Theater. The objective is, therefore, to highlight examples of theatrical practices carried out with children between 4 and 5-years-olds in the period between 2010 and 2020 in different regions in Brazil. The notion of childhoods is brought from the Sociology of Childhood discussions (Freire, 2020, Sarmento, 2005) and the notion of playing is discussed from Phenomenology point of view (Machado, 2010a, 2010b, 2015).

Keywords: early childhood education, theatrical practices, school space,

Trajetos da pesquisa

Os olhos e as mãos que escrevem esta reflexão são de uma macapaense, discente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá, e bolsista de pesquisa de iniciação científica (PROBIC)³, bem como, de uma professora universitária mineira com atuação na Educação Infantil em Minas Gerais, que é docente do referido curso há cinco anos. Inseridas nesse contexto, ambas alimentam um desejo por se aproximar de metodologias e/ou práticas teatrais que têm permeado a Educação Infantil nas distintas regiões do Brasil, e partem das seguintes questões: Quais práticas e/ou metodologias teatrais são encontradas nas escolas? Como elas acontecem em diferentes regiões do Brasil?

A partir delas, desenvolveu-se o plano de trabalho da iniciação científica intitulado “Práticas e perspectivas metodológicas para a experimentação da linguagem teatral com crianças

³ PROBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-) realizada entre setembro/ 2021 e agosto/ 2022.

pequenas”. Este propunha, além da busca por práticas e pesquisas sobre o ensino de Teatro na Educação, um estudo teórico sobre as infâncias a partir dos estudos da Sociologia da Infância e sobre as perspectivas fenomenológicas do brincar. O intuito era dar respaldo conceitual à discente acerca de temáticas significativas para uma compreensão do ensino de Teatro, tais como a cultura do brincar e a dimensão histórica e social da presença das crianças e das infâncias na sociedade.

Este texto é, então, um estudo de caso sobre possibilidades metodológicas do ensino do Teatro na Educação Infantil. Sua estrutura é composta por tópicos que buscam oferecer subsídios para novas investigações sobre a mesma temática. Tanto este, de apresentação, como o tópico quatro são escritos pela docente. O tópico dois é uma escrita conjunta sobre as infâncias, na qual a discente traz seus mergulhos nas discussões teóricas e a docente adensa a reflexão a partir de suas pesquisas sobre a relação teatro, o brincar e as infâncias. No tópico três, a discente apresenta os resultados da pesquisa obtidos por meio de um levantamento de publicações acadêmicas. No tópico quatro, a docente retoma a escrita e faz uma reflexão sobre a importância de se ter pesquisas que exemplifiquem as possibilidades metodológicas para o ensino de Teatro na Educação Infantil a fim de atender uma demanda da disciplina de Estágio Supervisionado I – ofertada pelo curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)-. Por fim, no tópico cinco, a discente e a docente apresentam as percepções e considerações finais sobre o percurso e resultados da pesquisa.

Esta pesquisa buscou olhar para algumas escolhas metodológicas realizadas por docentes de Teatro que atuam na Educação Infantil, identificando como se estruturam suas propostas para, por fim, apresentar um material de consulta para outros profissionais que tenham interesse e/ou atuem junto às crianças pequenas⁴. Em especial, discentes em formação em Licenciatura em Teatro que, ao se depararem com disciplinas que atuam no ambiente escolar, como os Estágios Supervisionados, muitas vezes carecem de materiais norteadores sobre práticas e metodologias possíveis de serem realizadas na Educação Infantil.

⁴ Segundo a professora de Teatro Marina Marcondes Machado (2010), o termo “crianças pequenas” é usado pelos estudos fenomenológicos de Merleau-Ponty em suas obras para designar crianças da faixa etária entre 0 a 5 anos. A BNCC – Base Nacional Comum Curricular também faz uso do mesmo termo enquanto uma divisão de faixas etárias na Educação Infantil a fim de designar e especificar as habilidades e os objetivos da aprendizagem. A BNCC traz a seguinte divisão: bebês (0 a 1 ano e 6 meses); crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

Com este intuito, entre março e abril de 2022, desenvolveu-se uma pesquisa por distintas plataformas como o Portal de Periódicos da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e o Google Acadêmico. Utilizando-se de algumas palavras-chave para a busca como “criança e teatro”, “ensino de teatro na Educação Infantil”, “educação infantil e linguagem teatral”, “experiência teatral e educação infantil”, foi possível encontrar materiais teóricos em periódicos científicos que apresentavam pesquisas que explicitam algumas práticas teatrais realizadas com crianças pequenas.

Para tal, foi preciso estabelecer um recorte para as buscas, considerando artigos, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso (TCC) da graduação ou de especializações, cujas pesquisas atendessem as seguintes especificidades quanto as suas práticas teatrais: pesquisas desenvolvidas por docentes com formação em Teatro ou Artes Cênicas; ocorridas no período de 2010 a 2020⁵; realizadas dentro do espaço escolar na Educação Infantil, especificamente, com crianças de 4 e 5 anos de idade.

É importante ressaltar que se reconhece que há distintas produções relevantes na área que não são mencionadas neste artigo, primeiramente, porque não foram encontradas pela discente em suas buscas, seja por uma dificuldade de lidar com as plataformas de busca, pela não familiaridade com o tópico a ser estudado, pela inexperiência com a própria pesquisa científica ou com as limitações típicas de uma pesquisa de Iniciação Científica. Dentre estes desafios, deve-se mencionar também que a Iniciação Científica desta docente ocorreu entre 2020-2021. Anos em que as atividades das universidades ocorreram exclusivamente de modo online devido a pandemia da COVID-19, impactando no processo de formação de discentes em todo país. Há que se considerar, portanto, que as orientações ocorreram apenas de forma virtual e que a discente iniciou todas suas atividades na graduação em Teatro junto ao contexto pandêmico. Logo, é pertinente reconhecer as fragilidades de uma pesquisa realizada em um período atípico para docentes e discentes.

Diante do exposto, não foi possível apresentar, de forma mais ampla e aprofundada, um panorama geral que abarcasse o cenário brasileiro acerca de práticas e metodologias de ensino de Teatro, optando, então, por fazer a seleção da seguinte forma:

⁵ O recorte temporal não foi pensado previamente, na medida em que o levantamento acontecia este recorte foi sendo traçado de acordo com a demanda dos próprios materiais teóricos levantados.

1. Levantamento a partir de pesquisas em sites e plataformas de busca, especialmente, plataforma CAPES e Google Acadêmico;
2. A partir de uma leitura prévia da discente, foram encontrados dez materiais que supostamente atenderiam ao recorte estabelecido;
3. Após uma segunda leitura da discente, dentre os dez textos encontrados, foram selecionados apenas seis materiais que efetivamente correspondiam ao recorte da pesquisa;
4. Em seguida, buscou-se identificar de quais regiões eram as publicações acadêmicas encontradas para selecionar dentre estas ao menos uma de cada região do país;
5. Compuseram a seleção final, quatro artigos, uma dissertação de mestrado e uma monografia de conclusão de curso de graduação em Teatro.

No entanto, uma pesquisa não é construída apenas dos aspectos técnicos e metodológicos. Ao longo do caminho da investigação foi necessário manter vivo o interesse e a curiosidade. Como orientadora de uma pesquisa de iniciação científica, percebi que era preciso provocar o desejo em uma jovem professora em formação, que iniciava seus primeiros contatos com as questões sobre o teatro, as infâncias e a educação. As leituras teóricas, as orientações e as conversas informais foram fundamentais para despertar tal curiosidade na discente.

Os estudos iniciais sobre a perspectiva fenomenológica do brincar e as ideias da Sociologia da Infância – caminhos teóricos que serão apresentados posteriormente – fizeram com que a discente e pesquisadora PROBIC estabelecesse uma conexão com a temática a partir de suas próprias referências e, assim, lentamente, mergulhasse no universo da pesquisa científica. Foi o encontro com estes campos teóricos que abriram seu olhar para as crianças, para a Educação Infantil e para o ensino do Teatro.

O livro *A casa das estrelas* de Javier Naranjo (2018), já conhecido pela discente, também contribuiu com o seu envolvimento, na medida em que ela conseguiu criar uma aproximação com as discussões teóricas. Gradativamente, a ideia de infâncias foi ganhando contorno e a pesquisa tendo maior significado e sentido para sua formação de professora. O livro de Naranjo (2018) traz as respostas das crianças para diferentes palavras e o autor as organiza sob a forma de um dicionário. A intersecção entre o livro e a pesquisa foram aparecendo e estabelecendo diálogo com a construção das reflexões e análises dos materiais teóricos levantados que aparecem também neste artigo.

Primeiros passos da pesquisa: pressupostos teóricos sobre as infâncias

Este tópico é apresentado pela perspectiva da discente e traz os pressupostos teóricos que embasaram a construção da noção de infâncias nos estudos iniciais da Iniciação Científica. Posteriormente, para esta escrita, tais estudos foram adensados pelas contribuições teóricas e reflexivas da docente. Como mencionado, a discente traça reflexões utilizando o livro *A casa das estrelas* como chave de leitura. As respostas das crianças catalogadas por Naranjo (2018) dialogaram com os campos teóricos e com as reflexões suscitadas por eles, aproximando ideias e pensamentos das próprias crianças sobre os diferentes assuntos aqui trazidos.

A pesquisa, antes mesmo de tomar como ênfase as práticas teatrais com crianças pequenas, buscou compreender a criança com um olhar sociológico, ou seja, a partir dela mesma e daquilo que ela nos apresenta a partir do brincar e de suas vivências. A Sociologia da Infância, segundo a pesquisadora Anete Abramowicz (2021), é compreendida como um campo científico que pesquisa, organiza e cria modos possíveis de olharmos para as infâncias, enxerga a criança como um ser social mediante suas experiências e relações com o mundo. Esse primeiro passo é de extrema importância para criar práticas mais assertivas e dialógicas com crianças.

“O que é uma criança? Uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, joga bola, pode brincar e ir ao circo” (NARANJO, 2018, p.11). Essa visão da criança sobre si mesma nos convida a enxergarmos que as infâncias são atravessadas pelos processos sociais, econômicos, geográficos, bem como, pelas questões que envolvem gênero, raça e cor, logo, algumas vertentes dos estudos sociológicos consideram que não é possível definir que há uma única infância em nossa sociedade. Esses marcadores demonstram que, o que é infância para um grupo, não é para outro. Havendo, portanto, várias infâncias habitando esse tempo social, compreendido como o período da infância.

A pesquisadora Brenda Campos de Oliveira Freire (2020) reafirma a ideia de múltiplas “infâncias”, ao discorrer sobre a necessidade das pesquisas e, especialmente, das escolas considerarem que estão se relacionando e convivendo com corpos que vivem em lugares diferentes, com culturas distintas e famílias diversas. Estamos falando, então, de pessoas diferentes que vivem em contextos específicos, e assim, infâncias diferentes.

Para Brenda Freire (2020) a escola é historicamente um espaço que separa a criança da convivência com os adultos e de seu redor, para um espaço específico, no qual a educação se atrela na busca por metodologias pautadas na relação entre quem precisa aprender e quem pode

ensinar. O impasse disso é que a criança apreende, dentre tantas formas, com aquilo que ela observa, percebe, sente e vivencia no seu dia a dia. Logo, isso inclui a convivência com os adultos e com seus pares. Portanto, colocar a escola como único lugar a promover o processo de apreensão de conhecimentos a torna superficial e, mais que isso, dificulta o desenvolvimento e a formação de seres pensantes e autônomos.

Não existem dois mundos, um da criança e um do adulto, ambos vivem o mesmo mundo sob perspectivas diferentes. Essa é uma visão em que a Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty⁶ vai se pautar, construindo reflexões sobre os processos de apreensão da criança no e com o mundo. Assim, a Fenomenologia convida o adulto a desconstruir sua visão, seus pensamentos e ações diante do convívio com as crianças.

Andrés, uma criança de 8 anos, ao ser perguntando sobre a figura do adulto responde: “O que é um adulto? Pessoa que, em toda coisa que fala, vem primeiro ela” (NARANJO,2018, p.20). Sua resposta explicita o que chamamos de adultocentrismo, ou seja, a visão da criança pelo modo de ver o mundo do adulto. Nela o adulto está sempre em uma posição privilegiada, tomando para si a posição de pessoa detentora do conhecimento, dos poderes de decisão, do estabelecimento de uma hierarquia, que invisibiliza as crianças nos diversos contextos sociais pelos quais elas transitam.

Ao realizar o curso *Diálogos do Brincar*⁷, foi apresentado um contraponto a esse adultocentrismo, explicitado nas pesquisas de Renata Meirelles, uma das idealizadoras do projeto chamado *Território do Brincar*. Tal contraponto se pauta na observação fenomenológica, que olha para a gestualidade e para a espontaneidade das crianças durante o brincar, com uma “atitude de agachamento” (MACHADO, 2015, p.55), isto é, de aproximação e com a intenção de compreender as crianças e sua forma de olhar e viver o mundo.

O brincar das crianças é o modo pelo qual o projeto *Território do Brincar* se aproxima das crianças e busca romper com esse que vê “como se a criança compreendesse o mundo, as coisas, as palavras, de maneira regrada, ordenada ou até literal” (MACHADO, 2010, p.21), em outras palavras, da maneira objetiva do adulto. No entanto, exclui-se a ideia de que, enquanto

⁶ Existem diversos autores que se orientam por essa perspectiva fenomenológica – Goethe, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, cada qual com suas particularidades. Na pesquisa, partimos dos estudos do filósofo francês Merleau-Ponty, por suas contribuições sobre o modo de ser e estar da criança pautadas em uma concepção que busca compreender os fatos em si mesmos através da percepção.

⁷ Curso gratuito ofertado o pela plataforma *Vincular* e realizado pela bolsista e pela orientadora como forma de complementar as pesquisas teóricas. Curso ocorreu em dezembro de 2021

brincam, as crianças produzem conhecimentos, abrem-se para experimentar o mundo e estabelecem as mais variadas relações sociais (hierárquicas, de poder, de submissão, de controle, de empoderamento, de divisão de grupos) dentro de seus contextos (SARMENTO, 2005).

“O que é uma brincadeira? É estar contente e amando” (NARANJO, 2018, p.11). O brincar perpassaria, então, também pela gestualidade, pela movimentação e pelas relações do corpo no mundo, que deverá refletir no adulto que observa através de um olhar sem pretensões e suposições. É o corpo, e suas relações com mundo, que conectaria adultos e crianças. O corpo da criança está imerso no mundo, bem como, o mundo encontra-se imerso em suas ações, gestos e movimentos. “O que é o Corpo? Serve para sentir” (NARANJO, 2018, p. 21).

Além disso, soma-se à compreensão das infâncias, do brincar e de suas relações com o ensino de Teatro, a experiência de uma docente de Teatro que atuou por um longo período junto a Educação Infantil. Desse modo, traz para este artigo, a Fenomenologia do filósofo Merleau-Ponty à luz das considerações da professora de Teatro Marina Marcondes Machado (2010a, 2010b). Ela discute a perspectiva do autor sobre o pensamento da criança a partir de três aspectos: a maneira não representacional de a criança viver o mundo, o fato de ela transitar entre realidade e imaginação na sua vida cotidiana (onírico) e seu pensamento polimorfo.

De acordo com os estudos fenomenológicos, as crianças não estariam representando o mundo, nem mesmo no seu brincar de faz de conta, elas estão apenas vivendo de modo intrínseco e incrustadas ao próprio mundo. Deste modo, a experiência infantil não é objetiva e realista, ela se dá nas relações (criança-outro; criança-espaco; criança-tempo; criança-corpo) e, portanto, não há para a criança uma separação dicotômica entre ela e o mundo. Trata-se da maneira não representacional da criança ler e viver o mundo.

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante na sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências de vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções das brincadeiras feitas por outras crianças e adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de exagerar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência. (WINNICOTT, 1982, p.163).

Essa visão implica considerar que o processo de socialização e de interação da criança só pode ser compreendido em diálogo e em relação ativa com seus pares e com os adultos. Suas brincadeiras, brinquedos e o seu faz de conta são sempre reflexões e interpretações das crianças

sobre as situações vividas no cotidiano. Uma experiência que se instaura no espaço-tempo como uma forma de viver da criança e que habita uma área que oscila entre o onírico e a realidade, proveniente do desejo de comunicação das crianças. Esse onírico é fragmentário, não linear e efêmero, porque advém da realidade externa, sendo elaborado pelo interno da criança a partir da brincadeira.

O onírico permite que as crianças desenvolvam o que a pesquisadora da infância Viviane Juguero (2019) denomina de “dupla percepção da realidade”, isto é, uma percepção das situações ficcionais, que, no entanto, não as impedem de vivenciar a situação imaginária como um todo. Assim, elas manipulam os fatos, acreditam no que está posto, mesmo que vejam e identifiquem as estruturas que enfatizem o real. É o caso do que ocorre, por exemplo, nas brincadeiras de faz de conta.

Distante do racional e próxima ao reino imagético, a criança mantém o seu pensamento polimorfo. Esse tipo de pensamento da criança estaria vinculado à imaginação – o onírico – e seria alimento para a corporalidade da criança que se manifesta na relação com outros corpos, com a cultura e com a própria natureza. O polimorfismo reforça a capacidade de “aderências às situações” (MACHADO, 2010b, p. 59) que faz com que a criança imprima uma multiplicidade em seus dizeres diante de suas noções espaço-temporais. Então, não há apenas um único modo de a criança se colocar, elas veem o mundo com margens fluidas, no seu brincar transitam sem linearidade cronológica, inventam palavras e constroem, simultaneamente, de modo concreto e sensível.

É por meio da dimensão lúdica (onírica, não representacional, do brincar, do construir sentidos e significados polimorfos), que docentes podem proporcionar as crianças a experimentação dos elementos da linguagem cênica. As crianças e professores (as) poderão encontrar seus próprios caminhos quanto aos modos de organizar o espaço, as brincadeiras, as histórias, as imagens, as situações, os conflitos e, gradativamente, instaurar a percepção da própria teatralidade que ali está se construindo.

Segundo Vera Lúcia Bertoni dos Santos (2004), as crianças estariam nestes momentos do brincar, portanto, lidando com suas capacidades de representação simbólica, visto que, como pontua a professora, é a partir de quando a criança evoca e representa um objeto ausente que se dá a assimilação representativa. Isso permite perceber a brincadeira a partir de uma determinada intencionalidade pedagógica e artística, porque enquanto brincam, as crianças manipulam os

elementos próprios do fazer teatral: organizam espaços; utilizam artifícios expressivos (gestos, mímicas, expressões verbais); assumem e trocam papéis e cultivavam interações que geram significados compartilhados o tempo todo com seus pares e com os adultos.

Diante disso, compreende-se que a criança já é, ela não vai ser, ela tem experiência, sentimentos, desejos, vontades e interesses adquiridos a partir das suas individualidades e das diversidades de seus contextos. Enquanto docentes, nossas formas de percepção da criança nos oferecem uma oportunidade de reflexão acerca da própria prática, na medida em que passamos a pensar o fazer teatral na Educação Infantil a partir não só do que acreditamos saber sobre infância, mas das descobertas e das mudanças de olhares que fazemos sobre elas no exercício do fazer docente. Nesse processo, é importante ser amparado (a) pelo encontro com os estudos de pesquisadores(as), docentes e artistas que buscam não universalizar a criança, mas estão atentos(as) para observar, compreender e interpretar as relações dela consigo mesma, com o outro e com o mundo.

Exemplos de propostas desenvolvidas em distintas regiões brasileiras

A partir da busca realizada em plataformas de buscas, como, o Portal de Periódicos da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e o Google Acadêmico, buscamos apresentar pesquisadores(as) e suas produções bibliográficas oriundas de diferentes regiões do Brasil, cujas práticas teatrais ocorreram com crianças de 4 e 5 anos de idade dentro do espaço escolar.

Da região Norte, foram encontrados dois textos: um trabalho de conclusão de curso (TCC) de graduação em Teatro, com pesquisa em Cruzeiro do Sul (Acre) e um artigo com pesquisa no Povoado Itaúba (Tocantins). O TCC intitulado *Teatro de fantoches: uma atividade cênica como estratégia para aprendizagem no ensino infantil* foi escrito por Maria de Nazaré Marques da Silva (2011). Em suas reflexões, a pesquisadora questiona o papel das Artes na Educação Básica, como ela funciona e sua importância para o desenvolvimento das crianças pequenas. A pesquisa se baseia na observação que ocorreu por seis dias em duas escolas da cidade Cruzeiro do Sul, no estado do Acre, sendo uma estadual e outra municipal.

Ela observou as propostas realizadas pelas professoras pedagogas que se pautavam na utilização de fantoches e/ou bonecos. Apesar de não ser uma proposta realizada por Maria de Nazaré, a inclusão de sua pesquisa neste levantamento, ocorre por ela traçar, ao longo de sua

escrita, uma reflexão sobre o uso de fantoche enquanto uma prática lúdica que contribui para o ensino de Teatro na Educação Infantil.

Em seu texto, M. Silva (2011) expõe constantemente a fragilidade das atividades propostas quanto ao uso de fantoches pelas pedagogas. Sua escrita apresenta detalhes dos resultados a partir de entrevistas realizadas com as docentes. Segundo a autora as entrevistadas afirmam a importância do Teatro na escola, mas expõem a instrumentalização do fantoche e, consecutivamente, do frágil entendimento sobre os modos de se experimentar os elementos teatrais, reduzindo-os a um “recurso didático disciplinar quando querem introduzir determinados conteúdos de maneira lúdica, com a intenção de atrair a atenção das crianças” (SILVA, 2011, p. 30).

As potencialidades sociais, imaginativas e criativas que o Teatro de bonecos pode promover, acabavam por não serem alcançadas por uma fragilidade quanto aos modos das pedagogas compreenderem as possibilidades de experimentação da linguagem teatral com crianças pequenas.

Nesse sentido, o professor precisa estar disposto e preparado para possíveis análises, compreender os mecanismos da encenação, caso contrário, não irá instigar nos alunos as reflexões pertinentes sobre um determinado espetáculo. Do mesmo modo, o docente necessita ter acesso a metodologias e a estratégias que permitam promover um equilíbrio entre o fazer e o apreciar, condição fundamental para desenvolver a habilidade do aluno como leitor de teatro. Pois, sem dúvida, educar em teatro, implica oferecer ao aluno as ferramentas necessárias para que ele possa apreciá-lo (ROSSETO, ROGRIGUES, 2013, p. 81)

Os modos de se propor o ensino de Teatro, as escolhas das metodologias e o papel que a criança ocupa no processo de apreensão da linguagem artística se esbarram necessariamente nos modos como docentes mediam o conhecimento a partir de suas próprias experiências e leituras sobre o fazer teatral. A formação continuada, seria de acordo com os autores, um espaço onde professoras da Educação Infantil poderiam ampliar seus saberes e repensar sua própria prática em sala de aula. E, assim, consecutivamente, tornar o ensino de Teatro mais presente no espaço escolar e, sobretudo, a partir de metodologias e práticas teatrais que privilegiem o brincar, o lúdico e o entendimento sensível das experimentações.

O artigo *O fazer teatral na Educação Infantil: percursos pelo norte tocantinense* (2021) da autora Renata Patrícia da Silva, conta sua experiência como estagiária em uma escola municipal, localizada em uma zona rural, Povoado Itaúba, no Norte de Tocantins. R. Silva narra

sua experiência a partir da prática que nomeou como “Habitações Lúdicas”, que consiste em reestruturar olhares quanto ao uso do espaço escolar e de seus objetos a fim de desenvolver a imaginação e a teatralidade das crianças.

A autora busca tornar as vivências das crianças parte do conhecimento produzido dentro da escola. Essa prática é parte de sua pesquisa de doutorado na UFT (Universidade Federal do Tocantins). Sua compreensão acerca das possibilidades de um percurso metodológico considera o cotidiano da escola e as relações que ela, como professora de Teatro, estabelece com seu fazer pedagógico e artístico. Seu artigo é construído por uma narrativa a partir das vivências com as crianças, dialogando com suas práticas a potencialidade que as crianças produziam durante o brincar: a imaginação, ao lúdico, a experimentação da ação corporal e a elaboração de repertório gestual.

A professora comenta que se utilizava de objetos que normalmente não são usados dentro da escola pelas crianças (tecidos coloridos e caixa de papelão). Sua prática propôs, portanto, "modificar ambientes da escola, disponibilizando materiais poucos estruturados, para que as crianças se apropriem e pratiquem o espaço" (SILVA, 2021, p.30), com o objetivo de ressignificar o lugar institucional.

O primeiro artigo selecionado da região sudeste é intitulado de *Experimentação de texturas: o encontro com a potencialidade das experiências artísticas da criança* (2019) e traz o relato da prática artística-pedagógica da orientadora do projeto e coautora do presente artigo em uma escola particular na cidade de Uberlândia (MG) com crianças de 2 a 5 anos. A professora encontrou na escola em que trabalhava diversos papéis (Kraft, jornais, papel crepom, caixa de papelão, entre outros) e decidiu experimentá-los nas aulas de Teatro. A. Silva (2019) explica que não havia um planejamento bem estruturado já que a intenção era explorar o imaginário das crianças e desenvolver suas potencialidades.

É possível aproximar o que traz Renata Silva (2021) das proposições da professora Adriana Silva (2019). Os contextos são bem distintos, inclusive em suas localizações geográficas, porém, ambas se utilizaram de alguns materiais como dispositivos para explorar a imaginação, o faz de conta, as narrativas e o brincar. Os materiais, juntamente com o brincar, conferem às práticas das professoras formas processuais de se experimentar o Teatro, considerando também os processos de relação da criança com seu entorno e com seus pares.

Ainda na região Sudeste, encontrou-se a dissertação de mestrado de Ricardo Augusto Santos de Oliveira, *Labirinto do Minotauro: uma experiência cênica na Educação Infantil* (2015). Sua prática foi realizada com crianças de cinco anos de idade no Centro Educacional Maria de Nazaré. Seu projeto “Labirinto Minotauro” é permeado pelo faz de conta, pelo conceito de instalação cênica e foi realizado com crianças de cinco anos de idade na cidade de Uberlândia (MG). O professor propôs uma vivência cênica que se pautou na discussão de temas considerados tabus para crianças, especialmente, o medo.

Durante a realização desse projeto, a partir da observação que obteve das reações das crianças, o pesquisador concluiu que negar trabalhar determinados assuntos com as crianças, é negar o direito delas de entrarem em contato com a arte e com a potencialidade delas de sentir, compreender e entender o mundo de diferentes modos e perspectivas.

A instalação se inspira em um movimento proveniente das Artes Visuais, cujos trabalhos se apresentam como experiências estéticas e multissensoriais, por isso, não são feitas apenas para serem observadas, mas para serem tocadas, cheiradas e percebidas por diversas instâncias corpóreas. Os artistas ao se usarem da instalação fazem uma produção artística que lança a obra no espaço, com o auxílio de materiais muito variados.

Com isso, trabalhar a linguagem teatral com crianças a partir da instalação é uma ideia que aparece nas propostas artístico-pedagógicas de alguns arte-educadores, como, a artista dinamarquesa Anna Marie Holm. Holm (2005). Ela considera que as crianças possuem inclinação ou capacidade de construir, visto que elas observam, experimentam as combinações entre os materiais, criam ambientes e narrativas visuais com certa frequência.

Dessa forma, a proposta de Oliveira (2015) lida com as possibilidades de se trabalhar o faz de conta em uma perspectiva que pode despertar sentimentos como o medo, o pavor, o terror e a tristeza. Para tal, há uma preparação das crianças a partir do próprio espaço e dos materiais, isto é, da instalação, proposta pelo professor, que permite que movimento seja, ao mesmo tempo, da criança em relação aos objetos e ao espaço. Ela é, nesse sentido, aquela que constrói o ambiente, ao passo que o percorre, o investiga, o observa e o modifica por meio de suas próprias ações.

Na região Centro-Oeste encontramos o artigo *Caminhos da cena para a Educação Infantil* (2019) da professora Flávia Janiaski Vale, que traz uma experiência vivida em cinco centros de Educação Infantil na cidade de Dourados (MS), com crianças de três a cinco anos de

idade. A docente partiu da peça *A Tempestade*, de William Shakespeare, para discutir temas como ganância, abandono, vingança e morte de forma lúdica e simbólica. A prática é parte da pesquisa de doutorado da autora, e propõe uma vivência pedagógica e artística às crianças ao se pautar na proposição de uma contação de histórias na Educação Infantil.

A pesquisadora não era professora de Artes ou Teatro destas escolas e a prática narrada por ela se dá sob a perspectiva de uma apresentação, na qual ela constrói uma experiência narrativa cênica. Apesar do enfoque deste plano de trabalho não ser o teatro para crianças, mas sim, o teatro com crianças, a proposta da professora nos permite olhá-la enquanto uma possível metodologia ou prática de experimentação da linguagem teatral pelas crianças da Educação Infantil.

Por meio da contação de história proposta pela professora e por um grupo de atores e atrizes, as crianças não só escutavam a narração e observavam as ações dos contadores/atores dentro de sala, mas participavam, interagem, modificavam a história junto com os adultos. As crianças aprendiam, segundo a pesquisadora, a partir da experiência. Vale (2019) e Oliveira (2015) possuem em comum a abordagem de temas que, por vezes, acabam por não serem abordados para a primeira infância dentro das escolas. A importância dessas propostas está no fato de olhar para as crianças como sujeitos que sentem todo os tipos de sentimentos e emoções. Quando a criança é vista apenas como ingênua, alegre ou inocente, as distintas realidades e a capacidade intrínseca da criança de se relacionar com todo o tipo de situação que está a sua volta são desconsideradas. O que ambos os docentes fazem é encontrar formas dialógicas com a capacidade onírica das crianças, colocando-as como agentes das situações, nas quais elas podem manipular e investigar objetos e ainda mudarem o curso da proposta.

Da região Sul, foi encontrado o artigo de Diego de Medeiros Pereira intitulado *O Drama como uma possibilidade teatral na Educação Infantil* (2019). O Drama é apresentado como método de ensino e buscou uma imersão das participantes – professoras da Educação Infantil – na experimentação dramática e no mundo ficcional. Importante ressaltar que Pereira (2019) não atuava diretamente com as crianças no espaço escolar, ele acompanhava um grupo de profissionais da Educação Infantil a realização de processos de Drama com crianças de 3 a 6 anos. O professor ofertou o respaldo pedagógico para a realização da prática teatral na Educação Infantil. Seu trabalho se caracterizava em um processo de formação continuada que aproxima as

professoras da linguagem teatral, contribuindo, assim, para a elaboração de práticas e metodologias teatrais possíveis de serem realizadas na Educação Infantil.

Para Pereira (2019) o Drama é uma possibilidade de construção da teatralidade no espaço escolar. A partir de vivências teatrais proporcionadas e estimuladas através de objetos, imagens, textos entre outros, as crianças experimentavam a linguagem teatral, mas sem a imposição de regras e convenções muito específicas. Vale (2019) se aproxima ao trabalho de Pereira (2019) no que concerne a presença das narrativas como propostas para o ensino de Teatro na Educação Infantil. Em ambas as práticas, as histórias permitem que as crianças se tornem parte da vivência propostas: assumem personagens, manipulam objetos, utilizam-se de figurinos e se tornam contadores das narrativas que vão se construindo.

Cabe observar também outra prática que também se pauta nas histórias, a proposta de Maria de Nazaré Marques da Silva (2011). No entanto, a professora se centra na manipulação de fantoches para a construção de narrativas que deverão ser criadas pelas próprias crianças a partir de suas próprias vivências.

As práticas aqui selecionadas centram suas ações no uso de materiais, do espaço e de histórias ou narrativas. Cada qual ao seu modo, articula estes elementos teatrais durante o processo de ensino e aprendizagem em Teatro na Educação Infantil. Por isso, favorecem o nosso interesse em socializar e difundir os distintos modos de proporcionar o contato entre crianças e a linguagem teatral. Os exemplos aqui destacados permitiram perceber as similaridades, as dificuldades, as escolhas metodológicas e os pensamentos sobre teatro e infância de docentes de diferentes localidades do país, por isso, a análise feita a partir deste estudo de casos é considerado como um potente material de consulta para profissionais da área, especialmente, os discentes em formação em Teatro.

Experiências teatrais na educação infantil e a formação de discentes de teatro em Macapá

O presente tópico parte do olhar da docente para relatar como esta pesquisa se articula com a formação de discentes em Licenciatura em Teatro na cidade de Macapá/AP. O plano de trabalho PROBIC surgiu a partir da minha percepção ao notar as dificuldades encontradas por discentes na realização da disciplina de Estágio Supervisionado I⁸, ofertada como componente

⁸ A disciplina possui carga horária de 60 horas, dentre as quais, 20 horas estão destinadas a observação dentro da escola básica, no segmento da Educação Infantil. A disciplina tem como pressuposto o estudo dos fundamentos

curricular obrigatório pelo curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A referida disciplina está voltada para a observação do contexto escolar da Educação Infantil e no seu decorrer, notou-se escassez de informações e leituras por parte dos discentes acerca de práticas e metodologias que os ajudassem a construir referências sobre o ensino de Teatro.

Mediante tal percepção, considerou-se relevante ter exemplos de práticas e metodologias que desenvolvidas por outros docentes em Teatro nos mais diversos contextos escolares brasileiros, a fim de ampliar as perspectivas dos futuros professores (as) acerca das possibilidades do fazer teatral com crianças pequenas, bem como, sanar dúvidas como: Crianças pequenas fazem Teatro? Qual o papel docente em aula de Teatro com crianças? Como a disciplina de Estágio Supervisionado I oferece subsídios pedagógicos e artísticos para a atuação de futuros docentes na Educação Infantil?

Na tentativa de responder tais perguntas tenho tomado algumas discussões como pilares norteadores na disciplina. Primeiramente, parto da necessidade de revistar o conhecimento que discentes possuem sobre crianças e infâncias, pois é o modo como percebemos as crianças que guiará nossas escolhas metodológicas e o tipo de Teatro que se busca experimentar com elas. Por isso, entrar em contato com pesquisadores (as) que pensam o fazer pedagógico do Teatro de modo relacional as especificidades das crianças têm sido primordiais. Para tal, apresentam-se algumas vertentes que vão desde os aspectos piagetianos apresentados nos trabalhos de Vera Lúcia Bertoni dos Santos (2004) e Peter Slade (1978), até o respaldo histórico e social da Sociologia da Infância, especialmente, ao que se refere a compreensão das crianças como agentes sociais em seus processos de apreensão do mundo (SARMENTO, 2005). E, por fim, as considerações fenomenológicas quanto ao brincar e os modos da criança ser e estar no mundo (onírico, não representacional e polimorfo) preconizados nos estudos de Machado (2010a, 2010b, 2015).

A partir dos entendimentos advindos das discussões teóricas, avança-se sobre outros dois pilares da disciplina: a compreensão do papel docente (do adulto) na Educação Infantil e a tomada de conhecimento sobre as práticas e metodologias possíveis de acontecerem neste contexto. Sobre este primeiro, tanto a Sociologia da Infância como a Fenomenologia vão abordar

educacionais da prática teatral, os diálogos e aproximações com as escolas, a formação docente e as discussões sobre as metodologias do ensino do Teatro.

a intrínseca relação entre crianças e adultos em seus processos de socialização e de apreensão do mundo à sua volta.

O campo da Sociologia reforça que só é possível compreender o processo de socialização e interação da criança em diálogo e em relação ativa com seus pares e com os adultos, enquanto a fenomenologia aponta para a necessidade de adultos aprenderem a observar as crianças. A observação – foco central da disciplina de Estágio Supervisionado I –, ao ser compreendida e experienciada a partir da fenomenologia, ajuda ainda os discentes a se aproximarem das crianças e do contexto da Educação Infantil sem tantos julgamentos ou supostos entendimentos.

O adulto em uma aula de Teatro pode ser, em muitos momentos, um observador cujo foco recai sobre a criança, ou seja, ele pode acionar uma experiência observacional que o permitirá mapear as relações da criança com o corpo, o mundo e o outro. Segundo Machado (2010b), o adulto é um narrador que cria um fluxo de percepções que lhe permitem enriquecer sua própria prática educativa a partir dos múltiplos significados que ele vai encontrando no brincar da criança, nos objetos que ela usa e nas suas relações com o faz de conta. Por isso, o adulto deve exercitar constantemente sua observação, leitura, compreensão e descrição das situações vivenciadas pelas crianças. Um bom caminho, aponta Machado, é traçar o percurso individual ou de pequenos grupos e ter perguntas norteadoras, tais como: Quais são os gestos e movimentos das crianças? Qual percurso elas fazem? Quais aproximações e afastamentos nas relações com o outro?

Tomada, então, por essas reflexões, a disciplina caminha por aproximar discentes das possibilidades práticas e busca sanar a pergunta “O que fazer com crianças pequenas?”. E, é assim, que temos acionado os artigos e demais publicações acadêmicas advindos da pesquisa PROBIC. Ao ler publicações que exemplificam metodologias, os modos como foram desenvolvidas, os materiais usados e as dificuldades encontradas, discentes têm a oportunidade de criar para si referências concretas de propostas de experimentação teatral já realizadas na Educação Infantil.

Assim, dúvidas nebulosas se dissipam, gradativamente, e maiores entendimentos e contornos sobre os caminhos traçados entre teatro, infâncias e educação começam a ser construídos na medida em que a ação em campo também se torna efetiva. As aulas são um laboratório teatral onde discentes podem aprofundar seus conhecimentos, tirarem suas dúvidas, experimentarem na prática algumas metodologias, questionarem os modos de se fazer Teatro

com crianças pequenas e, posteriormente, encontrarem modos de percorreres seus próprios caminhos como futuros docentes.

Considerações finais

A partir da pesquisa realizada no PROBIC, levantaram-se alguns exemplos de metodologias e práticas que circundaram o espaço escolar no período de 2010 a 2020 nas diferentes regiões do Brasil, permitindo uma noção, ainda que esparsa, das possibilidades do ensino de Teatro na Educação Infantil. A partir do estudo de casos – seis produções acadêmicas – notou-se que as metodologias e/ou práticas aconteceram a partir de três eixos mobilizares: materiais e/ou objetos não-estruturados, histórias/narrativas e relação espacial.

Logo de início, a pesquisa se deparou com muitos materiais que abordavam as práticas com crianças a partir dos 6 anos e que não eram propostas por profissionais com formação na área do Teatro, já que nesses, o ensino de Arte geralmente aparecia como sendo ministrado por docentes da área de Pedagogia. Ainda, foi possível perceber que há um campo vasto de publicações sobre a temática Teatro para crianças, isto é, quando a linguagem teatral é pensada para ser apresentada para este público. Com isso, pudemos notar que o lugar da criança como espectadora ou as discussões acerca das possibilidades estéticas para o Teatro Infantil se apresentam mais difundidas nas pesquisas acadêmicas. Dessa forma, a pesquisa demandaria mais tempo para o levantamento devido à dificuldade de encontrar os materiais que correspondessem exatamente aos recortes necessários, algo que não foi possível de acontecer em função do período de apenas um ano destinado a pesquisa de Iniciação Científica.

É importante ressaltar que o fato de não mencionarmos outros pesquisadores (as) ou outras práticas não significa que elas não estejam acontecendo e nem que não existam. É preciso considerar as dificuldades do contexto – mencionadas anteriormente – que incidiam sobre esta pesquisa de Iniciação Científica e, com isso, optar por analisar e refletir um número mais restrito de publicações acadêmicas. A partir da pesquisa, não só encontramos práticas assertivas que podem ser dialogáveis com as especificidades das infâncias, como foi possível ampliar as formas de olhar para as crianças a partir dos aspectos fenomenológicos do brincar, bem como, da compreensão sobre o papel que os adultos ocupam durante o processo de apreensão da linguagem teatral dentro do espaço escolar.

Logo, esse estudo de caso apresentado se configura como um possível “ponto de partida” que poderá fornecer subsídios para sistematização e catalogação de outras práticas que poderão contribuir com fomentação da presença do ensino de Teatro na Educação Infantil e com a experiência de discentes em formação. É preciso seguirmos ampliando e sistematizando práticas teatrais que possam ser levadas para a Educação Infantil a fim de criar e construir um repertório acessível para docentes em formação e para quem já atua com essa faixa etária.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete LEYCOVITZ, Diana, RODRIGUES, Tatiane Consentino. Infâncias em Educação Infantil. **Revista Pró-posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-197, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/lancamentos/pro-posicoes-v-20-n-3-60-2009-dossie-a-educacao-pelas-imagens-e-suas-geografias>Acesso em: 29.mar.202. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300012>.

FREIRE, Brenda Campos de Oliveira. **Teatro para as infâncias: uma concepção plural e contemporânea**. 144 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/12804>. Acesso em: 08 ago. 2022.

HOLM, Ana Marie. **Fazer e pensar arte**. Tradução de Ana Angélica Albano e Du Moreira. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

JANIASKI, Flávia Vale. Caminhos da Cena para a Educação Infantil. **Arte da Cena** (Art on Stage), Goiania, v. 5, n. 1, p. 193–227, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/54322>. Acesso em: 23 mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/ac.v5i1.54322>

JUGUERO, Viviane Rosa. **Dramaturgias radicais: poéticas matrísticas para uma arte dialógica**. Tese. (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MEIRELLES, Renata; ESCKCHMIDT, Sandra; SAURA, Soraia Chung. Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. In: MARIN, Elizara Carolina; SILVA, Pierre Normando Gomes da. **Jogos Tradicionais e Educação Física Escolar**. Curitiba: CRV, 2016. Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Olhares-por-dentro-do-Brincar-e-Jogar-Meirelles-Eckschmidt-Saura.pdf>. Acesso em 08 de ago. de 2022.

MARCONDES MACHADO, Marina. Só Rodapés: Um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, Uberlândia. 2, n. 1, 2015. DOI: 10.14393/RR-v2n1a2015-05. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/28813>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 35, n. 2, p. 115-138, maio 2010a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/108>. Acesso em: 20 jan.2021.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

NARANJO, Javier. **Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2018

OLIVEIRA, Ricardo Augusto Santos de. **Labirinto do minotauro: uma experiência cênica na educação infantil**. Universidade Federal de Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26939> . Acesso em: 08.ago. 2022.

PEREIRA, Diogo de Medeiros. **Drama como uma possibilidade teatral na educação infantil**. Revista Aspas, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 68-79, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/85651>. Acesso em: 18 mai. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v4i2p68-79>

ROSSETO, Robson, **GONÇALVES**, Melaine Pilatto. Processo de Drama na Educação Infantil: uma análise a partir das estratégias Professor-personagem e Professor em ação dramática. **Revista Zero a seis**, Florianópolis, v.21, n.39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n39p136>. Acesso em: 05 jun.2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2019v21n39p136>

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Shakespeare enfarinhado: estudos sobre teatro, jogo e aprendizagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da **Infância. Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 27.mar.2023.

SILVA, Adriana Moreira. **Experimentação de texturas: o encontro com a potencialidade das experiências artísticas da criança**. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 150-161, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/15157>. Acesso em: 18.mai. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5965/2358092521212019151>

SILVA, Maria de Nazaré Marques da. **Teatro de fantoches: uma atividade cênica como estratégia para aprendizagem no ensino infantil**. 2011. 38 f. Monografia (Licenciatura em Teatro) —Universidade de Brasília, Cruzeiro do Sul, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/4526>.

SILVA, Renata Patrícia da. **O fazer teatral na Educação Infantil: percursos pelo norte tocantinense**. Revista ouvirOUver, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 22–38, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55549>. Acesso em: 31 dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n1a2021-55549>

NARANJO, Javier. **Casa das Estrelas**. Editora Planeta, São Paulo, 2019.

TEBET, Gabriela. O que é a Sociologia da Infância com Anete Abramowicz. **Youtube**, 11 de fevereiro de 2021. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=jQdOQE7Bki0>.

Acesso em: 16.nov.2021.

WINNICOTT, Donald. **criança e seu mundo**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.